

A profissão docente no discurso da revista Veja: o estado do conhecimento¹

Cristiele Magalhães RIBEIRO²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
Universidade La Salle, Canoas, RS

Resumo

Este ensaio consiste no mapeamento e análise das dissertações e teses publicadas no Brasil que trataram, entre 1968 e 2018, sobre a representação da imagem da profissão docente nas páginas da revista Veja. Para a análise documental das sete pesquisas encontradas utilizamos o enfoque do paradigma da complexidade, de Edgar Morin, considerando, em especial, os princípios recursivo, hologramático e dialógico. Nossas considerações provisórias destacam que este veículo de comunicação de grande circulação apresenta o profissional docente, em geral, com uma conotação negativa, delega a ele objetivos que não são de sua única responsabilidade e deposita nele a expectativa de o que o seu trabalho resulte em efetivo desenvolvimento da sociedade.

Palavras-chave: comunicação; educação; profissão docente; revista Veja.

Apresentação

A comunicação e a educação sofrem influências da cultura e do poder, permeiam a teia social na qual estamos enredados e promovem entre os seres humanos a integração, a interação e, também, o seu desenvolvimento cognitivo. A comunicação é necessária para relacionarmos-nos, aprendermos, estabelecermos vínculos e é imprescindível para a efetivação do processo educativo, pois ela auxilia o educando a desenvolver o seu senso crítico e de realidade (LUCKESI, 1986). Já o “ato educativo é, essencialmente, um ato comunicativo” (GOERGEN, 1986, p. 156), nele emissor e receptor estão constantemente

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS; professora na Universidade La Salle – UNILASALLE/RS; e-mail: rcristiele_@hotmail.com.

trocando de posição. A comunicação, no processo de ensino-aprendizagem, estabelece o caráter de univocidade, integração e participação. A educação é a “ação que tem por objetivo constituir uma estrutura comunicativa que sirva de base para a emancipação” (GOERGEN, 1986, p. 166). Ambas constituem, constroem e (re)constroem o ser social e, conseqüentemente, a sociedade como um todo, ao longo de sua existência.

Ao longo da história da humanidade, à educação foi delegada a responsabilidade pelo progresso das sociedades, sendo seus principais agentes os professores (que aceitaram este papel) e o Estado, desconsiderando a importância da família no processo do aprendizado (NÓVOA, 1994). Esta ideia ainda é bastante presente na sociedade, quando os pais acreditam no poder transformador da escola, sem considerar a importância da sua própria participação ativa.

Segundo Nóvoa (1999), há uma retórica sobre o papel do professor que destina a ele a responsabilidade pela construção da “sociedade do futuro” e, também, sobre a importância de a sociedade valorizar este profissional para que ele tenha uma melhor imagem social. Os professores vivenciam a desconfiança daqueles que os consideram medíocres e são “bombardeados com uma retórica cada vez mais abundante que os considera elementos essenciais para a melhoria da qualidade do ensino e para o progresso social e cultural” (NÓVOA, 1999, p.13-14). Não é possível progredirmos se não refletirmos sobre a ausência da sociedade que, por sua vez, projeta as expectativas e esperanças que não consegue realizar sozinha sobre os professores. É importante que os professores estabeleçam laços fortes com o espaço comunitário e que as escolas se adaptem à diferença (sendo este um dilema da profissão docente) (NÓVOA, 2008). Além disso, o fato de o conhecimento tornar-se obsoleto rapidamente, exige que os professores não somente o reproduzam, eles precisam criar conhecimento, desenvolver novos espaços de aprendizagem, fazer aprender e continuar aprendendo.

Os docentes precisam abandonar a ideia do século XIX de que sua função é transmitir o conhecimento e assumir uma postura mais relacional, dialógica, cultural; eles não são os meros executores de um currículo e a educação é responsabilidade de toda a sociedade. “Hoje o domínio dos conteúdos de um saber específico (científico e

pedagógico) é considerado tão importante quanto as atitudes (conteúdos atitudinais ou procedimentais)” (GADOTTI, 2003, p. 25).

O atual processo educativo precisa ter o compromisso de promover o aprender a aprender por meio de um “diálogo crítico com as realidades comunicacionais e tecnológicas. (...) É imperioso pensar o ensino como algo integrado em projetos de trabalho que façam sentido na perspectiva formadora do educando” (CITELLI, 2000, p. 141-142). Esta hibridização diminui a distância entre os sujeitos professores e alunos, aumentando o convívio e a proximidade entre eles; mesmo o acesso ao conhecimento tornou-se muito mais facilitado e próximo. “Não só um imenso estoque de temas e problemas foi disponibilizado à sociedade como também se alteraram os modos de operacionalizá-los e cifrá-los conceitualmente (CITELLI, 2000, p. 244).

O cerne da história da profissão docente constitui-se na relação dos professores com o saber e na natureza do saber pedagógico (NÓVOA, 1991). A identidade profissional do professor abarca o desenvolvimento de seus alunos, tanto o intelectual, quanto o afetivo, o moral e o estético, “capacitando-os a pensar e atuar criticamente na transformação da realidade” (LIBÂNEO, 2015, p. 33). A presença do professor é política e não pode omitir-se, ele precisa ser um sujeito de opções que demonstra aos seus alunos “sua capacidade de analisar, de comparar, de avaliar, de decidir, de optar, de romper. (...) De fazer justiça, de não falhar à verdade” (FREIRE, 1996, p. 110). Para falarmos sobre sua identidade profissional, que abrange conhecimentos e práticas utilizados no trabalho com os conteúdos em sala de aula, é preciso considerarmos as condições salariais e de trabalho, sua formação e carreira (LIBÂNEO, 2015).

Segundo Ghiraldelli Junior (2009), até a década de 70, os professores brasileiros exerciam uma atividade que tinha prestígio e que lhes rendia uma remuneração diferenciada, o que não ocorre mais no século XXI. A lógica estatal do ensino encontra-se enfraquecida e é uma probabilidade a extinção de seu monopólio; também se faz necessário questionar o papel exclusivo dos professores frente à organização e à direção das escolas e colocar em prática novos tipos de poderes e de avaliações do ensino (NÓVOA, 1999). No Brasil há uma “precarização da profissão docente no que se refere a salários, condições de trabalho, formação e carreira, o que deságua na desvalorização

social da profissão” (LIBÂNEO, 2015, p. 34), o que faz com que professores abandonem a profissão e diminua a busca por cursos de licenciatura.

Nóvoa (1997, p. 13) afirma que a imprensa é um meio importante para a apreendermos a multiplicidade do campo educativo, ao revelar suas múltiplas facetas, considerando “uma perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos, etc.), mas também no que diz respeito ao papel desempenhado pelas famílias e pelas instâncias de socialização de crianças e os jovens”, ilustrando o campo educativo. Segundo Citelli (2012, p. 11), os veículos de comunicação padronizam a imagem do docente, gerando representações que são “traduzidas em papéis sociais, configuradores físicos e afetivos, lugares de classe, campos de expectativas etc” dos quais decorrem, não raramente, estigmas, imagens de pessoas indesejadas. Os próprios professores também têm questionado o sentido do fazer docente e os alunos, o sentido do que estão aprendendo, porém, para ocorrer um processo verdadeiramente educativo, é necessário que o processo ensino/aprendizagem tenha sentido para ambos os projetos de vida (GADOTTI, 2003).

Como parte de nossa pesquisa de doutorado, levantamos as pesquisas publicadas entre 1968 e 2018, que trataram sobre o tema profissão docente, considerando como objeto de estudo a revista *Veja*, da Editora Abril. Esta revista brasileira possui poder de influência por a de maior tiragem no país, cerca de 1,2 milhão, conforme o Instituto Verificador de Circulação de julho de 2017 (PUBLI ABRIL, 2018a) e a segunda maior no mundo, perdendo apenas para a revista *Times* (VEJA, 2017). Semanalmente alcança mais de 6 milhões de leitores e, somando as plataformas de *Veja* (soma do total de leitores no impresso, digital e visitantes únicos no site veja.com), estima-se uma audiência de 25 milhões de usuários únicos (PUBLI ABRIL, 2018b).

Esta revista produz sentidos, forma opiniões, utiliza-se de adjetivos, advérbios e figuras de linguagem para expressar suas opiniões e “construiu, de si mesma, uma forte imagem de legitimidade para proferir saber – frente a um suposto não saber dos leitores, da população em geral e, em certos momentos, das próprias fontes” (BENETTI, 2007, p. 42). Ela fala para uma “elite”, para “formadores de opinião” (SILVA, 2005).

A complexidade da profissão docente nas páginas da revista Veja

Para conhecermos parte do que já foi pesquisado sobre a profissão docente nas páginas da revista *Veja*, realizamos um levantamento junto à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (<http://bdtd.ibict.br>), ao Catálogo de Teses e Dissertações (<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>) e à base de teses e dissertações de duas instituições de ensino locais que possuem cursos de graduação, mestrado e doutorado nas áreas de Comunicação e Educação, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Consideramos as publicações realizadas de 1968 (ano de lançamento da revista *Veja*) até o momento (2018) e as seguintes palavras-chave: revista, revista *Veja*, docente(s) e professor(es). Sabemos que não tivemos acesso a totalidade de pesquisas realizadas sobre o assunto, mas foram estabelecidas estas premissas com a intenção de delimitarmos o nosso tema e objeto de estudo.

O tema profissionalidade e profissionalização docentes foi tema da dissertação de Rosilene de Souza Carvalho Bites, defendida em agosto de 2012 no mestrado em Educação da Universidade Federal de Goiás. Ela analisou os seguintes textos publicados pela revista *Veja* entre 2007 e 2010: *Longe dos Dogmas* - Entrevista com Fernando Haddad, *Artigo Salário de Professor* - Cláudio de Moura Castro, *Escola para professores* - Camila Pereira, e *Como melhorar a educação brasileira – parte I* – Gustavo Ioschpe. Ao longo da dissertação Bites (2012) faz um cruzamento e uma análise considerando publicações internacionais, a legislação brasileira e o discurso acadêmico crítico, chegando à conclusão de que o discurso da revista *Veja* está alinhado às políticas internacionais e brasileiras, mas distante do discurso de que a educação deve ser acessível a todos. O materialismo histórico dialético foi utilizado como método e, como procedimento de análise, foi utilizada a análise do discurso.

No mestrado em Educação da Universidade de São Paulo, em novembro de 2015, Alaina Alves apresentou a dissertação *A profissão docente em foco: um estudo acerca das imagens de professores na revista Veja (1996-2008)*. Esta pesquisadora utilizou como objeto de análise, fotografias que representaram os professores da educação básica em 668 exemplares, entre 1996 e 2008, abrangendo a influência política de dois diferentes

governos, o de Fernando Henrique Cardoso - FHC (1995-2002), do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o de Luiz Inácio da Silva – Lula (2003-2010), do PT (Partido dos Trabalhadores). A pesquisadora chegou à conclusão de que a revista *Veja* representou o professor do ensino básico de forma bastante distinta considerando os dois governos. No de FHC, a revista apresentou como exemplo professores criativos que se dedicavam as suas aulas e, no de Lula, a imagem criticada é a de um professor esquerdista, despreparado, que reclama das condições do ensino e do seu salário e se vale das vantagens atribuídas à categoria; além disso, apresenta como modelo de ensino o que é praticado em países com a Coreia e a Finlândia.

Eloiza de Oliveira Frederico, em sua dissertação *A representação midiática do professor brasileiro nas páginas brandas e amarelas de Veja x Carta Capital*, desenvolvida junto ao mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo e apresentada em março de 2014, utilizou como objetos de estudo artigos, entrevistas e reportagens publicadas entre janeiro de 2012 e janeiro de 2013, nas revistas *Veja* e *Carta Capital*, que tratassem sobre o professor brasileiro independentemente do nível de ensino. A pesquisadora identificou o uso de estereótipos e clichês e de um discurso naturalizado que considera este profissional um vilão ou uma vítima.

Na dissertação do mestrado em Letras, intitulada *O Professor avaliado em textos jornalísticos: análise da avaliatividade em reportagens de Veja e Isto É*, realizada junto à Universidade Federal do Pará e defendida em 2010, a pesquisadora Eunice Braga Pereira utiliza como objetos de estudo doze reportagens (seis de cada revista) publicadas entre 2006 e 2008. Em sua pesquisa ela verifica que o professor, na revista *Veja*, é um profissional julgado, em geral, negativamente; e, na revista *Isto É*, há um equilíbrio entre os julgamentos positivos e negativos, com uma tendência para os positivos.

A pesquisadora Daniela Barbosa Buttler, em sua tese de doutorado na área de Linguística defendida em 2009, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulada *A imagem esfacelada do professor: um estudo em textos de revistas*, analisou nas crônicas publicadas entre 2000 e 2006 nas revistas *Veja São Paulo* e *Nova Escola*. Na primeira, a pesquisadora relata ter encontrado um contraponto entre a ação docente do professor do passado e o da atualidade, em que o primeiro exigia e agia e o segundo

apresenta-se impotente para agir devido aos novos papéis vivenciados por alunos e professores. Na revista Nova Escola, a pesquisadora identificou saudosismo com relação ao professor do passado e orientações sobre como o professor da atualidade deve ensinar e gerir sua carreira.

O pesquisador Tiago Cortinaz da Silva, em sua dissertação *A revista Veja e os discursos jornalísticos sobre educação no Brasil*, defendida em 2014, junto ao mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, analisou na revista *Veja*, entre 2002 e 2012, seis publicações sobre o tema educação, em que ele observa críticas às escolas que a revista considera “tomadas por ideologias de esquerda”, a centralidade do professor que está entre o estereótipo do vilão e a possibilidade de redenção.

Em tese defendida junto à pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2007, intitulada *A mídia como dispositivo neoliberal: os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e Isto É*, a pesquisadora Vera Regina Serezer Gerzson analisou matérias e anúncios publicados nestas revistas entre 2003 e 2005. Ela identificou aspectos voltados para a mercantilização da educação ao observar que estes veículos evidenciam que a educação deve desenvolver habilidades que tornem os estudantes produtivos, dando ênfase a aspectos como competência, resultados e excelência.

Das sete pesquisas (cinco dissertações e duas teses) que utilizaram como objeto de estudos a revista *Veja*, cinco tiveram como preocupação central a configuração da imagem da profissão professor, seus aspectos identitários, sua profissionalidade e profissionalização, frente ao discurso desta revista e de outros veículos de comunicação; as outras duas tiveram como foco a educação. Todas as pesquisas foram apresentadas dentro de um período de 8 anos (entre 2007 e 2015) e analisaram publicações feitas entre 1996 e 2013, período de dezessete 17 anos em que estiveram a frente da presidência do Brasil: Fernando Henrique Cardoso (de 1995 a 2002), Luiz Inácio Lula da Silva (de 2003 a 2010) e Dilma Vana Rousseff (de 2011 a 2016). As pesquisas estão vinculadas à área da Educação, nenhuma à da Comunicação, o que revela um campo a ser investigado.

Análise

Para realizarmos a análise documental consideramos os princípios recursivo, hologramático e dialógico, que, segundo Edgar Morin (2015), no livro *O método 3: o conhecimento do conhecimento*, estão inter-relacionados e são fundamentais no paradigma da complexidade.

O princípio do anel recursivo relata que, ao fazermos algo, este algo também nos faz. O produto tem o poder de ser produtor do que o produz, o efeito causador do que o causa (MORIN, 2003). Considerando este princípio percebemos que a educação brasileira é produto de interesse do Banco Mundial (promotor da Conferência Mundial da Educação para Todos), pois busca atender às premissas apontadas pela ONU (Organização das Nações Unidas) voltadas, em especial, para uma quantificação e não qualificação do acesso à educação. Os governos brasileiros buscam atender as metas apresentadas nem sempre considerando as necessidades reais da população brasileira. O produto “educação brasileira” torna-se também produtor quando resulta em sujeitos não reflexivos e não capacitados para a escolha de seus representantes políticos ocasionando, desta forma, a (re)eleição destas lideranças que permanecerão reproduzindo a lógica de que o ensino deve tornar as pessoas competitivas, mas não seres pensantes e efetivos agentes de mudança.

O Banco Mundial é um importante agente que ressalta a função controladora da avaliação, promotora da competição e de uma hierarquização do ensino. O conceito de qualidade propagado por estes órgãos está atrelado à redução de gastos com os recursos humanos, por isso temas como “parcerias”, “voluntariado”, “a hipervalorização da criatividade” são divulgados constantemente, a fim de construir um consenso de que não há falta de recursos para a educação no Brasil (ROTHEN; SANTANA, 2015, p. 181).

O princípio hologramático relata que a parte está no todo, assim como o todo está contido na parte (MORIN, 2003). Como o todo revela a parte e a parte revela o todo, precisamos estudar o todo e as partes, conjugando-os, sem abandonarmos “o conhecimento das partes pelo conhecimento das totalidades, nem da análise pela síntese”

(MORIN, 2011, p. 42), precisamos entender o que os separa e os reduz ao invés de tentar entender o que os distingue e os une.

Por meio do princípio hologramático é preciso relacionar a educação com os momentos políticos vividos nacional e internacionalmente. Entendermos como os discursos sobre a educação advém de influenciadores como a imprensa, as famílias e a política. O papel da profissão professor está dentro destes discursos, e os mesmos estarão dentro deste papel, influenciando-o. O professor está inserido no processo educacional, enquanto este está inserido em uma sociedade e em uma cultura; precisamos entender como estes meios (educação / sociedade / cultura) estão contidos no professor ao passo que também revelam e definem as suas práticas e vice-versa. Sendo a educação um processo constituinte da construção de um cidadão e, por conseguinte, de uma sociedade, as expectativas desta sociedade e de seus governantes (expressas em discursos e políticas públicas) sobre a profissão docente refletirão sobre a sua atuação e sobre o seu relacionamento com os demais públicos envolvidos com o processo educacional, em especial os alunos; e vice-versa.

No princípio dialógico, os contraditórios possuem possibilidades de diálogos e, mesmo que possam excluir-se mutuamente (e eles tendem a fazê-lo), o pensamento deve assumi-los dialogicamente, porque “são indissociáveis em uma mesma realidade” (MORIN, 2010, p. 96). O princípio dialógico funda-se na associação complexa – complementar, concorrente e antagônica – de instâncias necessárias junto à existência, ao funcionamento e ao desenvolvimento de um fenômeno organizado (MORIN, 2003).

Ao utilizarmos o princípio dialógico, é possível verificarmos as contradições relacionadas à imagem do professor e como elas possuem possibilidades e diálogos, mesmo que possam excluir-se mutuamente. A exemplo de, se o professor é responsável pelo futuro exitoso dos seus alunos e tem como objetivo prepará-los para tornarem-se profissionais produtivos e competentes, como o fará se é considerado vilão, vítima, queixoso, aproveitador de vantagens da profissão, impotente? Se a imagem construída pela revista de maior circulação do país é de um profissional docente estereotipado, como esperar que esse discurso seja diferente em outras esferas? Ao construir-se essa imagem, além do trabalho que deve realizar junto aos alunos, o professor deve preocupar-se em

construir uma imagem de profissional competente, estando alinhado ao que se faz em países em que a educação é considerada de ponta (a exemplo da Coréia e da Finlândia)? Se a educação brasileira é considerada tradicional, não alinhada às necessidades contemporâneas, por que a sociedade pouco age em prol da mudança? De certa forma, poderíamos entender que existe intencionalidade nesta realidade, visando a manutenção de uma força de trabalho intelectualmente defasada, despreparada para assumir cargos de liderança ou até mesmo de ser empreendedora de si mesma, desmobilizada para a realização de mudanças sociais.

Considerações finais

Segundo Morin (2010), o compartimento dos saberes em disciplinas, em *grades* (curriculares), enquanto vivemos em uma realidade cada vez mais globalizada muito provavelmente tem gerado em professores e alunos uma situação de desconforto com relação à forma de trabalhar os conteúdos em sala de aula. Para ele, o ensino requer *eros* para despertar o desejo, o prazer e o amor dos discentes, ou seja, requer que os professores tenham prazer em ensinar, amor pelos saberes e pelos alunos, sendo que o *eros* está ligado aos benefícios gerados pela doação e não pelo poder. É importante que o ensino transmita uma sabedoria que auxilie o indivíduo a compreender a sua própria vida, a pensar livremente. É necessário que os homens reconheçam a sua diversidade cultural, que façam parte da mesma humanidade, e a educação do futuro precisa necessariamente ser centrada na condição humana.

Para tal, será necessário termos docentes respeitados pela sociedade, tratados como intelectuais que são, merecedores de tempo para atualizarem-se, capacitarem-se e até mesmo descansarem, pagamentos condizentes e reconhecimento pelo trabalho realizado. Somente desta forma poderão efetivamente desenvolver pessoas, auxiliar seus alunos a assumirem-se como seres sociais e históricos, pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos, capazes de ter raiva e, por isso mesmo, de amar (FREIRE, 1996). Não basta desejarmos uma educação de primeiro mundo se os incentivos financeiros, o cuidado e a preocupação com a educação também não forem de primeiro mundo.

A sala de aula, considerada um local de produção e reprodução dos saberes, tenta utilizar-se da tecnologia e da realidade de um mercado de trabalho que exige saberes cada vez mais conectados e profissionais mais capacitados, que saibam, sobretudo, trabalhar em equipe, indo na contramão dos inconvenientes decorrentes da divisão do trabalho, como superespecialização, confinamento e despedaçamento do saber (MORIN, 2010) que precisam ser revistos, a começar pelos ambientes educacionais. A escola precisa promover a transformação de um lugar-comum em um conhecimento elaborado, do empirismo em conceito, ensinando ao sujeito que ele precisa transformar-se. “Por isso, a necessidade de o aluno ser entendido como sujeito *com* linguagem que exercita um discurso central para a efetivação do ato pedagógico” (CITELLI, 2000, p. 111). O professor tornou-se “um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador da aprendizagem” (GADOTTI, 2003, p. 16).

Os professores com dupla ou tripla jornada (seja em busca de complementação econômica, cultural, intelectual, profissional...), a ausência do papel da instituição de ensino em promover o repensar o ensino e a formação docente perpetuam um ensino departamentalizado, sem transversalidade, e a visão de que a escola é apenas um conglomerado de salas de aula, reduzindo o professor a um mero funcionário ou a um especialista. O ensino não pode ser apenas utilitarista, voltado para o mercado de trabalho, uma função ou especialização. Ele possui “uma tarefa de saúde pública: uma missão. Uma missão de transmissão que exige, evidentemente, competência, mas também requer, além de uma técnica, uma arte” (MORIN, 2010, p. 101). A sobrecarga de trabalho, a falta de reconhecimento, a pouca remuneração, a mecanicidade e a regulamentação que engessa, limitam a atuação do profissional, possibilitando a geração de uma imagem negativa. “Em lugar do profissional respeitado (...), sobreveio um tipo que vive à beira de um ataque de nervos, da busca de licença médica, do baixo salário, da inapetência formativa” (CITELLI, 2012, p. 10).

Os profissionais da área da comunicação, ao apresentar estas questões em canais de grande alcance de público, precisam mostrar todos os sujeitos e influenciadores do processo educacional, além de apresentar e discutir sobre os casos de êxito ou fracasso. De mostrar que os responsáveis pela educação não são somente os professores, mas toda

a sociedade. Que não é possível executar modelos provenientes de países tão culturalmente diversos do Brasil, estes exemplos precisam ser conhecidos, discutidos e pensados pelos diferentes públicos envolvidos com a educação (direta e indiretamente) para, desta forma, desenvolvermos efetivamente um processo educativo próprio, alinhado à cultura brasileira, promovendo o acesso ao conhecimento de qualidade e ao aprendizado transformador.

Referências bibliográficas

ALVES, A. **A profissão docente em foco: um estudo acerca das imagens de professores na revista Veja (1996-2008)**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BENETTI, M. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. **LÍBERO**, São Paulo, ano X, n. 20, p. 35-46, dez. 2007.

BITES, R. de S. C. **Profissionalidade e profissionalização docentes: o olhar da revista Veja**. 2012. 247 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

BUTTLER, D. B. **A imagem esfacelada do professor: um estudo em textos de revistas**. 2009. 191 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CITELLI, A. **Comunicação e educação**. A linguagem em movimento. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

_____. Imagens e representações dos professores: situando o problema. In: CITELLI, A. (Org.). **Educomunicação**. Imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 9-17.

FREDERICO, E. de O. **A representação midiática do professor brasileiro nas páginas brandas e amarelas de *Veja* x *Carta Capital***. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes práticos à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GERZSON, V.R.S. **A mídia como dispositivo da governamentalidade neoliberal – o discurso sobre educação nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ***. 2007. 164f. Tese (Doutorado em

Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **História da educação brasileira**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GOERGEN, P. A comunicação nas faculdades de Educação. In: KUNSCH, M. M. K. (Org.). **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. São Paulo: Edições Loyola, 1986, p. 155-167.

LIBÂNEO, J. C. Adeus professor, adeus professora? A identidade do professor na contemporaneidade. In: BARBOSA, M. V. et al (Orgs.). **A boniteza de ensinar e a identidade do professor na contemporaneidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 31-56.

LUCKESI, C.C. Presença dos meios de comunicação na escola: utilização pedagógica e preparação para a cidadania. In: KUNSCH, M. M. K. (Org.). **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. São Paulo: Edições Loyola, 1986. p. 29-52.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____. **Meus demônios**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, D, B; BASTOS, M. H. C. (Orgs.) **A educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-31.

_____. Os professores e o “novo” espaço público da educação. In: TARDIF, M.; LESSARD, C. (Orgs.). **O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 217-233.

_____. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 1999.

_____. Profissão professor. In: NOVOA, A. (Org.). **O passado e o presente dos professores**. Porto: Ed. Porto, 1991. p. 9-32.

_____. Relação escola-sociedade: Novas respostas para um velho problema. In: SERBINO, R. V. et al (Orgs.). **Formação de Professores**. São Paulo: UNESP, 1994. p. 27.

PEREIRA, E. B. **O Professor avaliado em textos jornalísticos: análise da avaliatividade em reportagens de Veja e Isto É**. 2010. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

PUBLI ABRIL. **Circulação total**. [S.l]: Julho, 2018a. Disponível em: <<http://publiabril.abril.com.br/svp/tabelas/circulacao>> Acesso em: 01 jul. 2018.

_____. **Veja**. [S.l]: Setembro, 2018b. Disponível em: <
<http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja> > Acesso em: 01 jul. 2018.

ROTHEN, J. C.; SANTANA, A. C. M. Avaliação e qualidade da educação para além do ranqueamento. In: BARBOSA, M. V. et al (Orgs.). **A boniteza de ensinar e a identidade do professor na contemporaneidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 177-192.

SILVA, C. L. S. da. **VEJA: O indispensável partido neoliberal (1989 a 2002)**. 2005. 658 f. Tese (Doutorado em História) – Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Niterói. 2005.

SILVA, T. C. da. **A revista Veja e os discursos jornalísticos sobre educação no Brasil**. 2014. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014.

VEJA.COM: **Obrigado, leitor**. [S.l]: Junho, 2017. Disponível em:
<<http://veja.abril.com.br/brasil/obrigado-leitor/> > Acesso em: 24 jun. 2017.